

AS CONTRADIÇÕES ENTRE AS CONCEPÇÕES DE PROGRESSO E VIDA NA MODERNIDADE.

Paulo Roberto de Camargo
Universidade Presbiteriana Mackenzie

Resumo: Este artigo tem por objetivo discutir a concepção de progresso e suas contradições na modernidade, dentro de uma concepção voltada à Psicologia Social. Partindo do conceito de modernidade e enfocando a tecnologia como um elemento básico de seu desenvolvimento, o progresso existente na sociedade moderna atua de forma contraditória contra o desenvolvimento das potencialidades humanas. Neste sentido, são diagnosticados alguns fatores psicológicos básicos que são consequências do modo de vida desta sociedade, e que fornecem novas orientações para a intervenção em Psicologia Social.

Palavras-Chave: modernidade, tecnologia, racionalidade tecnológica, progresso, utopia.

CONTRADICTIONS BETWEEN THE CONCEPTIONS OF PROGRESS AND LIFE IN MODERNITY

Abstracts: This article has the aim of discussing the concept of progress and its contradictions in modernity, within an idea related to Social Psychology. Beginning with the concept of modernity and focusing technology as a basic element of its development, the existing progress of modern society acts in a contradictory way against the development of human potentialities. In this sense, some basic psychological factors, which are consequences of this society's way of living are detected, as well as supply new orientations for the participation in Social Psychology.

Keywords: modernity, technology, technological rationality, progress, utopia.

Pretendemos, com este trabalho, realizar um delineamento que possibilite a localização do indivíduo na sociedade atual, tomando como ponto fundamental, a sua posição frente à concepção de progresso. Dentro deste tema, vamos objetivar a nossa reflexão, enfocando a tecnologia como o ponto fundamental da discussão. No sentido ainda de ser mais consistente com o tema, e, portanto, mais objetividade, apresentaremos alguns dados referentes à Cidade de São Paulo, analisando-os qualitativamente e colocando algumas possibilidades de intervenção no âmbito da Psicologia Social, tanto em relação à pesquisa, quanto ao propósito de ensino desta disciplina.

A concepção “moderna” de progresso provém, como o próprio nome sugere, do advento da modernidade. Esta

situação (modernidade) vem sendo estudada enfaticamente em todas as áreas do conhecimento e, com maior “angústia”, na área das ciências humanas. A relação do homem com as inovações tecnológicas e com o futuro constitui fonte de grandes ansiedades, na medida em que a concepção de progresso na civilização ocidental sempre foi acompanhada pela visão de um mundo melhor.

Portanto, a definição e a discussão sobre a modernidade que possa conduzir a um diagnóstico atual, cujo conceito, que envolve o desenvolvimento tecnológico e é essencial para este artigo, torna-se ponto primordial em nossa discussão.

Dentre muitos autores que estudam o processo atual, destaca-se um sociólogo inglês chamado Anthony Giddens, que tem desenvolvido um pensamento bastante

aguçado para a nossa realidade atual, o que o torna um autor bastante considerado nos meios universitários de ensino e pesquisa social. Segundo a definição do autor em seu livro *As conseqüências da Modernidade*: “modernidade refere-se a estilo, costume de vida ou organização social que emergiram na Europa a partir do século XVII e que ulteriormente se tornaram mais ou menos mundiais em sua influência”. (Giddens, 1991:11).

Neste contexto de modernidade, compreende-se o surgimento de três fatores básicos: a) o Estado-nação centralizado tal como o conhecemos hoje; b) o modo de produção capitalista que institui organizações específicas tendo a indústria como célula base, e; c) os centros urbanos, a cidade, como elemento fundamental e territorial onde se desenvolvem os processos dos dois ítems anteriores e até então instituídos.

Mas, para nossos propósitos, dentro do âmbito da psicologia, é importante ressaltar aquilo que nos toca de imediato no nosso campo de intervenção, que é o modo de vida que se modifica a partir da modernidade. Desta maneira, dando seqüência ao pensamento de Giddens: “Os modos de vida produzidos pela modernidade nos desvencilharam de todos os tipos tradicionais de ordem social, de uma maneira que não tem precedentes. Tanto em sua extensionalidade quanto em sua intensionalidade, as transformações envolvidas na modernidade são mais profundas que a maioria dos tipos de mudança característicos dos períodos precedentes. Sobre o plano extensional, elas serviram para estabelecer formas de interconexão social que cobrem o globo; em termos intensionais, elas vieram a alterar algumas das mais íntimas e pessoais características de nossa existência cotidiana” (Giddens, 1991:14).

É justamente neste quadro, no entrecruzamento da extensionalidade e intensionalidade, que gostaria de inserir a

tecnologia como um elemento fundamental, e de certa forma central, na concepção de modernidade. Desenvolvida para a indústria, como meio de substituição de trabalho humano e aumento de produtividade, a tecnologia permitiu, a partir da Segunda Grande Guerra Mundial, que a comunicação e as relações de produção entre as diversas regiões do planeta se efetivasse de forma cada vez mais eficaz e freqüente. Não querendo colocá-la como um elemento determinante neutro, e nem de uma forma maniqueísta situada entre o bem e o mal, ou melhor, se ajuda ou empobrece o homem, a tecnologia é um elemento básico que sustenta a dinâmica desse progresso da modernidade.

Estamos nos referindo às inovações no setor industrial, às comunicações sociais via mídia, à indústria crescente do entretenimento, às possibilidades crescentes de desvendamento e cura de doenças, etc.

Ao que tudo indicava, então, a modernidade, por assim dizer, prometia e inaugurava uma etapa da vida do ser humano em que a prosperidade e a paz seriam predominantes na face da terra.

Mas, o que se tem visto, principalmente neste século que se finda, são contradições terríveis que temos que dar cabo. O próprio Giddens nos dá informação estatística de que mais de 100 milhões de pessoas foram mortas em guerras no século XX, com requintes de eficiência de matança nunca vistos na história da humanidade.

A consciência humana que dava margens a inovações permitia também a recaída da humanidade em barbáries, de certo modo freqüentes, e, porque não, previsíveis.

Dando um salto para tempos mais atuais, a partir da década de 70 novas políticas de racionalização do Estado foram regidas com o intuito de dotar este mesmo Estado de forma mais eficiente. Temos aqui as chamadas políticas neo-liberais que, entre outros pressupostos econômicos, avançaram, principalmente nos países

desenvolvidos, sobre o corte de alguns benefícios sociais, como a assistência previdenciária e garantia de emprego, por exemplo.

Após a queda do Império Soviético nos anos 90, deu-se a intensificação dessa política para praticamente todas as regiões do globo, com o fim da história sendo declarado por Fukuyama. O caminho a ser seguido pelo homem é dotado de uma unidimensionalidade, uma única direção a ser seguida.

No denominado terceiro mundo, e para sermos mais precisos, no Brasil, algumas contradições da política adotada acompanham o primeiro mundo tal como o desemprego e a racionalização do Estado. Outras, como o aumento da miséria e da concentração de renda, acentuaram-se. Dentro deste contexto, um fator ainda mais agravante, que acontece em todas as regiões do planeta, é o enfraquecimento substancial da ação humana para dar conta dessas grandes contradições. Para nós, psicólogos, este enfraquecimento geral, inibidor do desenvolvimento da consciência, e, portanto, do indivíduo, é o ponto que nos atinge mais de imediato.

É neste contexto que o desenvolvimento tecnológico torna-se contraditório, fomentando a manutenção da atividade econômica e avançando no domínio da consciência. Tanto a grande oferta de mercadorias para consumo, quanto a mudança radical nos processos de trabalho, aliados também aos meios de comunicação de massa e novas tecnologias, propiciam a moldagem da atividade humana e a sua percepção de mundo. Longe de ser uma consciência conquistada, é uma consciência concedida e operacionalizada por um cotidiano que deve ser, constantemente, administrado, em que os parâmetros para uma ação crítica que fortaleça o desenvolvimento da consciência, esvanecem-se perante um ascetismo consumista e imediato.

Assim, este enfraquecimento da consciência tem sua lógica no imediatismo das atitudes e na ausência da reação humana perante as contradições existentes, ou seja, na impossibilidade de se buscar novas alternativas de vida. A consciência torna-se, em meio a toda esta racionalidade tecnológica, uma consciência adaptada, ou melhor, uma “consciência tecnificada”. Assim, a dificuldade para a reflexão, a fragilidade dos laços afetivos, o outro como meio para se atingir objetivos previsíveis e o indivíduo unicamente especializado, são elementos constitutivos de uma consciência que se desenvolve junto a uma crença no progresso existente.

A consciência, então, torna-se fragilizada, pois, onde não há propósito de construção por parte do homem, há uma passividade, uma submissão ao progresso que gera, entre outros fatores, uma violência institucionalizada, fruto da fragilização do indivíduo e de suas condições de vida, em um mundo que se torna naturalizado, sem história e não construído pela ação do homem.

Sintetizando, então, este enfraquecimento da consciência, vem atrelado a um determinado modo de vida padronizado, onde o cálculo e a previsibilidade das relações humanas colocam o homem sob uma racionalidade que pode ser denominada de “racionalidade tecnológica”.

Com a radicalização da modernidade para todas as esferas do globo, podemos assistir aos efeitos perversos dos ajustes econômicos realizados até então e que evidenciam que a integração do homem nesta sociedade não vai ser para todos. Dita-se como a vida deve ser seguida, justificada por um receituário tecno-científico, em que uma sociedade de massas obediente e passiva ao progresso se torna o único referencial humano. A tecnologia, na forma como está disposta, está muito longe de ser neutra em relação ao homem. Está contribuindo de maneira

extremamente relevante para propósitos de dominação sobre a vida humana, contradizendo sua promessa de libertá-la. Quanto a este propósito, não há dúvida alguma de que temos fatos de sobra para fundamentar que ela tem possibilidade de auxiliar de forma extremamente relevante para realizá-los, bastando ver os progressos alcançados na biotecnologia e mesmo na produção, em que o trabalho humano compulsivo e repetitivo pode já ser substituído. Desta forma, gostaríamos de ressaltar que não é a tecnologia em si mesma a responsável por este estado de coisas, mas sim a forma como ela foi alocada e direcionada pelos homens. A questão incide, portanto, neste direcionamento que adapta o homem ao seu funcionamento, a sua intensionalidade, ou seja, à racionalidade tecnológica.

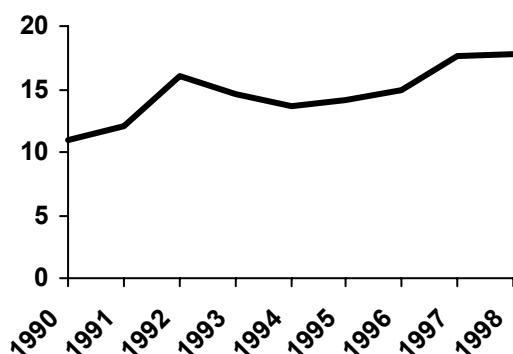
Para objetivar melhor a nossa argumentação e prosseguir depois com

algumas possibilidades de intervenção que estamos trabalhando na Psicologia Social, gostaríamos de colocar algumas estatísticas sobre a Cidade de São Paulo, que melhor ilustrariam a relação entre a tecnologia e o modo de vida, tal qual a estamos abordando. Vamos partir de um senso comum, que todos estamos acostumados a vivenciar e ressaltar alguns aspectos psicológicos conseqüentes desta situação.

Enfocando o período do ano de 1990 até 1998, trata-se da queda da oferta de empregos, também propiciada pelo corte de postos de trabalho pela mecanização (Figura 1), pelo aumento do desemprego (Figura 2) e pelo aumento do número de homicídios na cidade (Figura 3)

FIGURA 1

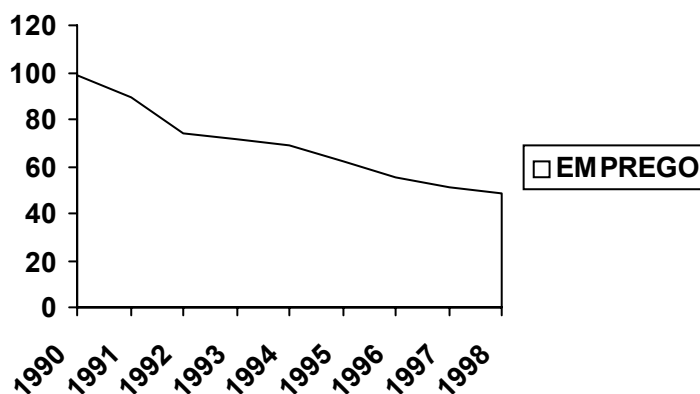
**TAXA DE DESEMPREGO TOTAL
DESSAZONALIZADO NA GRANDE SÃO
PAULO**



Fonte: Fundação SEADE. Elaboração: IPEA – DIPES

FIGURA 2

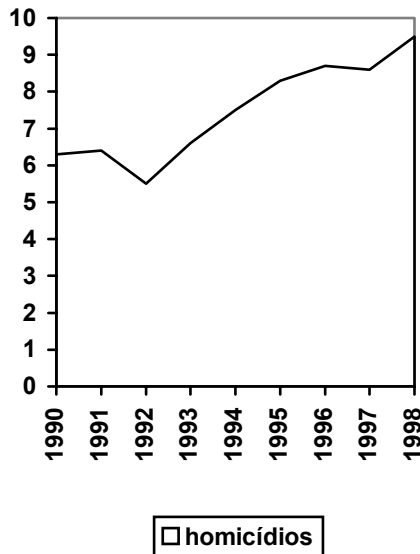
**ÍNDICE DE NÍVEL DE EMPREGO - SÃO PAULO
- CAPITAL**



Fonte: CIESP – Centro das Indústrias do Estado de São Paulo

FIGURA 3

INDICE DE HOMICÍDIOS NA CIDADE DE SÃO PAULO



Fonte: Secretaria de Segurança Pública de São Paulo e IBGE

Índice = no. De homicídios/10.000 habitantes.

ANO	-	No. De Homicídios
1990		5661
1991		5608
1992		4908
1993		5828
1994		6697
1995		7358
1996		7769
1997		7702
		8524 – Estimativa

Partindo desta situação do nosso cotidiano, que a muitos parece óbvia e, de certa forma, natural, podemos diagnosticar e objetivar algumas intervenções em Psicologia Social. Em relação aos índices demonstrados nos três gráficos, o contexto coloca o indivíduo frente a uma situação em que o seu cotidiano se torna predominantemente cuidadoso, ou seja,

exige-se a manutenção e uma postura bastante defensiva frente ao que possa ocorrer de pior: quer seja a manutenção de seu emprego, quer seja evitar a violência no cotidiano. Esta defensividade passa a determinar, em grande parte, a conduta humana.

As saídas para esta situação são um ponto no qual devemos nos deter, pois o futuro tal qual se apresenta é um futuro técnico, baseado unicamente no progresso científico e nos cálculos previsíveis. E, sendo assim, o futuro já está posto de antemão. É um futuro concedido e já estabelecido. Pode-se exemplificar isto, em como as discussões sobre o Estado se voltam hoje para as possibilidades de privatizar ou estatizar; em se ajustar enfim. A todos esta colocação pode parecer óbvia, pois, claro, todos dependemos do Estado para a nossa sobrevivência, mas o futuro continua a ser pensado somente por questões de eficiências técnicas.

Porém, a questão se torna complexa quando se faz esta mesma discussão dentro de um quadro em que a fragilidade da ação humana, e aqui voltamos a repetir mais uma vez, uma consciência ajustada a um modo de vida defensivo, em que todos têm que se defender das dificuldades do cotidiano, torna-se normativa. A vida e sua perspectiva de futuro torna-se, então, uma discussão técnica e deixa-se de pensar e desejar em qual país gostaríamos de viver.

A ação humana, no sentido de intervir no processo histórico, de fazer história coletiva e manter o contato com a própria história individual, o que fornece um sentido à vida, é fundamental na constituição de um indivíduo sadio, pois, sem a pretensão de sermos redundantes, este mesmo mundo do qual estamos nos referindo é produto da história humana. Assim, cabe a nós, psicólogos, diagnosticar, focar e trabalhar alguns elementos que impossibilitem a retomada desta

historicidade que se encontra paralisada por essa racionalidade tecnológica.

Assim sendo, gostaríamos de ressaltar alguns pontos de intervenção que são ocasionados pelas consequências de uma cultura defensiva e que estão sendo já trabalhadas pela Psicologia Social, principalmente por Walter Heinz, da Universidade de Bremen, Alemanha, em seu artigo **Changes in the Methodology of Alienation Research:**

- Sensação de perda total de controle em relação ao meio social: impotência
- Sentimento de incompreensão frente aos fatos sociais: desmotivação e apatia (frieza). Naturalização da sociedade e perda de sua concepção histórica.
- Utilização de meios ilegítimos para atingir objetivos pessoais: quebra ou ausência de ética. O outro é visto como um mero objeto.
- Rejeição como ser humano social: estranhamento cultural. Criação de um mundo altamente individualizado.
- Envolvimento em atividades unicamente motivadas por fatores extrínsecos: auto-estranhamento. Perda de contato com suas especificidades individuais. Dificuldade e hostilidade frente ao ato reflexivo.
- Sentimento de estar sendo socialmente excluído ou rejeitado: isolamento social. (Heinz, 1992:215)

Estes elementos devem ser estudados e pesquisados sempre a partir de uma compreensão do respectivo contexto social, bem como da avaliação qualitativa de cada item.

No propósito, então, de encerrar este artigo e abrir novas discussões sobre o assunto, bem como em dar um novo sentido à ela, gostaríamos de citar um outro autor bastante atual, o sociólogo Boaventura de Souza Santos em seu livro *Pela Mão de Alice*, em que enfoca os efeitos da radicalização da modernidade nos países em desenvolvimento, coloca a utopia como um elemento essencial para se retomar o sentido histórico da vida humana. A utopia, que foi dada como superada ou

enfraquecida pela racionalidade vigente permite que o homem possa recuperar não somente seus sonhos, pois estes são somente uma parte da utopia, mas, principalmente, a sua vontade de agir em direção a um mundo diferente. Citando o autor para definir o conceito de utopia: “A utopia é a exploração de novas possibilidades e vontades humanas, por via da oposição da imaginação à necessidade do que existe, só porque existe, em nome de algo radicalmente melhor que a humanidade tem direito de desejar e porque merece a pena lutar...Pertence à época pelo modo como se aparta dela...Uma compreensão profunda da realidade é assim essencial ao exercício da utopia, condição para que a radicalidade da imaginação não colida com o seu realismo.” Importante frisar que embora o nosso século tenha sido bastante pobre em pensamento utópico, os propósitos de uma sociedade calcada no iluminismo, que previa uma sociedade justa e democrática, que é o modelo que nós possuímos e pelo qual deveria seguir a nossa sociedade atual, foi também fruto de uma utopia. Entendendo que, uma compreensão profunda da realidade não se torna possível somente no contexto teórico, mas principalmente na vinculação entre teoria e prática, é que estamos propondo, na Psicologia Social, avançar no conhecimento de nossa realidade e dar sentido, já no campo da utopia, à nossa formação enquanto profissionais, e seres humanos, voltados ao campo da saúde psíquica.

No contexto universitário e na prática de ensino, a experiência dos alunos em seu contato com a realidade não pode ser considerada apenas como um desempenho acadêmico, técnico portanto, mas sim, como um resgate da ação humana dentro de um conhecimento maior de nossa realidade.

Em termos de diretrizes para a efetivação desse nosso propósito, estaremos comprometidos, como de certa forma sempre estaremos, não somente com o

desempenho técnico do aluno em sala de aula, mas, principalmente, em formá-lo dentro de uma realidade que possa ser sonhada, inventada e modificada para formas de vida mais éticas e solidárias. O conhecimento do mundo e do homem só vale a pena quando este pode servir à vida enquanto propósito não exclusivamente utilitário, mas sim para a vida em si mesma. Esta é a nossa utopia.

Referências Bibliográficas

- GEYER, F. and HEINZ, W. R. (1992). Changes in the Methodology of Alienation Research. IN: Alienation, Society, and the Individual: Continuity and Change in Theory and Research. New Jersey, Transaction Publishers.
- GIDDENS, A. (1990). As Conseqüências da Modernidade. São Paulo. Unesp.
- SANTOS, B. S. (1996). Pela Mão de Alice. São Paulo. Cortez.

Contatos: Universidade Presbiteriana Mackenzie
Faculdade de Psicologia
Departamento de Psicologia Social e Organizacional – Prédio 16 – 1º andar
Rua Itambé, 145 – Higienópolis
01239-902 São Paulo - SP